

Bank of America acha necessário ajuda

O presidente do Bank of America (3º maior credor privado do Brasil), Leland Prussia, acha que o Brasil não será obrigado a renegociar sua dívida se conseguir reduzir sua dependência do exterior e a necessidade de captação de recursos externos em relação aos últimos anos. Prussia considera "bem administrada" a dívida brasileira. Acha necessária a intervenção do FMI e do Banco Mundial na reciclagem das dívidas do 3º Mundo.

Em entrevista no escritório carioca do Bank of America, o **chairman** da instituição disse que com maior disciplina monetária e fiscal, assistência por parte de agências multilaterais como o Fundo Monetário e o Banco Mundial e, ainda, "alguma ajuda em termos de reescalamento dos débitos externos", os países em desenvolvimento poderão superar suas dificuldades atuais.

AUSTERIDADE

Mas, secundado pelo vice-presidente executivo do Banco para a América Latina, William Young, Prussia lembrou que a recuperação dos países em desenvolvimento dependerá também de uma melhoria no quadro econômico internacional — que se apresenta em recessão — e de não acontecer nada de dramático como os choques do petróleo de 73/74 e 78/79.

Apesar da retração dos pequenos e médios bancos internacionais na concessão de empréstimos ao 3º Mundo, principalmente após a moratória solicitada pelo México, o presidente do Bank of America é de opinião que o Brasil tem "indiscutível" capacidade de fechar seu balanço de pagamentos este ano, se conseguir manter em prática uma política econômica de austeridade.

Todavia, Prussia enfatizou a necessidade de intervenção das agências multilaterais (FMI, BIRD) na complementação das necessidades de recursos dos países em desenvolvimento, num momento em que eles encontram dificuldades na captação junto ao sistema financeiro privado internacional.

A uma pergunta sobre a razão de o Bank of America ter emprestado em 1981 4 bilhões de dólares à Pemex mexicana com sobretaxas (**spreads**) inferiores às pagas pelo Brasil — cuja dívida acha "bem administrada" — Leland Prussia afirmou que os créditos para corporações (empresas) e para países são julgados de maneira diversa pelo Banco e recebem **spreads** diferenciados.

O **chairman** do maior banco comercial do mundo não se disse surpreso com os problemas dos países em desenvolvimento para pagarem suas dívidas, depois de citar suas dificuldades com a elevação dos juros internacionais e com a queda nos preços dos produtos primários. Disse que o quadro se agrava com a tendência protecionista que se verifica em momentos de recessão e fez ver que isso precisa ser combatido na próxima reunião do GATT, em novembro, em Genebra.

"Prime" a 10%

Prussia não crê que a economia norte-americana tenha uma recuperação importante até o final do ano, mas estima que ela poderá crescer a uma taxa de 3% no final de 1983, com o que o crescimento médio no ano que vem ficaria na faixa de 1,5% a 2%. Uma boa notícia para o Brasil é a sua estimativa de que a **prime rate** — atualmente a 12% — chegue ao final do ano a 10%/10,5% e fique abaixo dos 10% em 1983.

Ele lembrou que a inflação norte-americana caiu para a faixa de um dígito (6%/6,5%) ao mesmo tempo em que o desemprego subiu para os dois dígitos (10,1%) — o que a seu ver atesta excesso de capacidade instalada — e informou que as taxas de juros tendem a cair como resultado de uma política mais suave do banco central (Fed). Para Leland Prussia, a reação na Bolsa de Valores de Nova Iorque não se deve apenas à queda dos juros, mas também a uma pequena recuperação da economia, que exige menos crédito e facilita a baixa dos juros.

Fazendo jus à condição do Bank of America de maior financiador dos projetos energéticos brasileiros (Petrobrás e Eletrobrás), Prussia esteve ontem pela manhã com o presidente da Petrobrás, Shigeaki Ueki, e à tarde foi à Companhia Vale do Rio Doce. Hoje vai a São Paulo e terá encontro com a direção do Bradesco — seu maior cliente brasileiro em operações através da Resolução 63 e instituição que tem sua estrutura inspirada no Bank of America.

Amanhã, o banqueiro norte-americano visitará a hidrelétrica de Itaipu, assistindo ao enchimento do reservatório, em seguida viaja a Buenos Aires e retorna ao Brasil no dia 20, para contatos com ministros e autoridades da área econômica em Brasília.